



10º Congresso de Pós-Graduação

A CONSTITUIÇÃO CULTURAL DA CRIANÇA CEGA

Autor(es)

ROGÉRIO SOUSA PIRES

Orientador(es)

MARIA INÊS BACELLAR MONTEIRO

1. Introdução

Ao trazermos para nosso campo de estudo as características da criança cega e não sua deficiência contamos com as contribuições de Vigotski que incorpora alguns princípios de Hegel sobre a constituição do humano.

Na perspectiva Histórico-Cultural do desenvolvimento humano, cultura é entendida como o conjunto das produções humanas, produções que, por definição, são portadoras de significação, pois o acesso ao universo de significação dos objetos culturais, implica na emergência da condição humana de sociabilidade. Condição humana, como ser-no-mundo, co-existindo na alteridade. Que traz em seu bojo uma herança regida por leis históricas, que na concepção de Vigotski é a história da produção pelos homens das suas condições sociais de existência.

Nessa perspectiva, a significação é a mediadora universal no processo de desenvolvimento cultural, e o outro é portador dessa significação, como locus simbólico da humanidade histórica. Por meio das condições materiais é que somos constituídos e não pela consciência que determina a vida, mas pelo mundo-vida que determina a consciência. Desta forma, cabe dizer que a significação de nossos atos ocorre mediada pelos outros. Nesse sentido, a própria existência tem sentido e toda significação é inseparável da existência.

A essência do desenvolvimento cultural reside no papel do outro em nossa constituição, posição essa assumida por Vigotski, afirma Pino (2000,p.65) que ao lembrar Hegel diz que no processo da constituição cultural do indivíduo no desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores, ocorre pela seguinte tríade operacional: o em si, para os outros e para si.

Vigotski ao dizer as que funções superiores são de natureza cultural, deixa explícito, que essas mesmas funções se constituem no indivíduo pela mediação social e que ao analisar o papel do Outro na constituição do psiquismo, inova no campo da psicologia, ao afirmar que as funções superiores são relações sociais internalizadas. Ao assumir a tese de que a essência do homem são as relações sociais dá uma guinada na análise da psique humana ao aprofundar a natureza cultural das funções superiores e da natureza da Cultura, pois ao utilizar a categoria relações sociais, alicerçada na matriz do materialismo histórico dialético, as quais são historicamente produzidas retoma a tese de Marx de que os homens criam seus próprios meios de existência e que em sua constituição cultural o homem está diretamente relacionado com a maneira como ele se situa na estrutura das relações sociais.

2. Objetivos

- Refletir sobre a constituição cultural da criança cega na escola como palco fenomênico de sujeitos que buscam uma aprendizagem significativa;
- Pensar sobre uma pedagogia concreta, que dê lugar à emergência do humano, que se materializa nas relações sociais.

3. Desenvolvimento

Mas o que de fato atribui ao homem a sua essência? O que o constitui como ser humano concreto, histórico é a natureza semiótica ou a ordem da significação que é a razão ou princípio de toda relação. A partir da concepção marxista da cultura como produção material humana, Vigotski fala da importância da significação, do ato de significar que acontece quando damos lugar à emergência do humano, que se materializa nas relações sociais, em sua constituição cultural. Assim, a emergência do humano está no desvelamento da realidade empírica da sua evolução, "na medida em que as ações da criança vão recebendo a significação que lhe dá o Outro ... ela vai incorporando a cultura que o constitui como um ser cultural, ou seja, um ser humano", afirma Pino (2005). Nesse pensar, cabe dizer que as origens do ser humano fundamenta-se na dinâmica natureza e cultura, na qual uma age sobre a outra, originando algo novo, uma natureza humanizada. Portanto, é na participação das práticas sociais do grupo cultural que o homem internaliza as relações sociais convertendo-as em funções mentais superiores, o que constituirá a base da estrutura social do indivíduo na tessitura do drama do existir humano que é marcado" pelas sedimentações existenciais.

Através do outro, eu internalizo a significação do mundo transformado pela atividade produtiva, o que chamamos de mundo cultural. Portanto, o desenvolvimento cultural é o processo pelo qual o mundo adquire significação para o indivíduo, tornando-se um ser cultural, afirma Pino (2005). Trata-se de um mecanismo veiculado/produzido pela palavra do outro, que possibilita que a significação emergja do social, pois é pelo outro que me constituo em um ser eminentemente social e (inter)subjetivo.

Nesse pensar, ao trazermos para nosso campo de investigação as características da criança cega e não sua deficiência contamos com as contribuições de Vigotski, que na década de 20 em Moscou, estudou os fundamentos da deficiência no Laboratório de Psicologia para Crianças Deficientes. Esse autor volta-se para o que poderia ser desenvolvido em cada pessoa, o que estava intacto e poderia ser ampliado, como ilustra sua afirmação sobre a cegueira e sua compreensão sobre o significado do potencial humano.

La ceguera, al crear una nueva y peculiar configuración da la personalidad, origina nuevas fuerzas, modifica las direcciones normales de las funciones, reestructura y forma creativa y orgánicamente la psique del hombre. Por consiguiente, la ceguera es no sólo un defecto, una deficiencia, una debilidad, sino también, en cierto sentido, una fuente de revelación de aptitudes, una fuerza. (VIGOTSKI, 1997, p. 99)

Tal afirmativa permite dizer que dispor ou não dispor da visão Ver ou Não Ver constituem formações específicas de personalidade, ao considerar-se que é pela percepção que os objetos, pessoas e situações ao seu redor são tematizadas e poderão, pelo entendimento, ter significado no mundo de um ser humano. Esse processo de construção de conhecimento transforma gradativamente o homem, à medida que percebe, interpreta e atribui significado às informações que recebe. Informações sobre diferentes caminhos pelos quais as pessoas percebem são uma rica fonte de conhecimento sobre o potencial humano (MASINI, 2007).

Em contraposição ao pensamento comum que considera a percepção tátil a forma de compensação das pessoas cegas, é a linguagem, como utilização da experiência social, o instrumento de compensação da cegueira. Uma compensação orientada para os aspectos históricos, culturais e sociais da vida concreta humana. Compensação que ocorre por meio da linguagem, da mediação social (processos compensatórios guiados pelas leis sociais que apontam para a superação das dificuldades). A linguagem, os signos, o outro, são os principais meios que permitem ao indivíduo deficiente o acesso ao desenvolvimento compensação e possibilita a inserção deste nas práticas sócio-culturais, transformando-as. Vigotski (1997) entende a deficiência como uma construção social, sendo o sujeito considerado na sua singularidade. Acredita que não se deve negar a deficiência, mas sim buscar caminhos para enfrentá-la.

As discussões de Vigotski sobre educação especial podem ser identificadas nos trabalhos que se encontram na coletânea das Obras Escogidas V - Fundamentos de Defectologia. Em sua obra o autor fala da importância dos processos compensatórios no desenvolvimento da criança com deficiência, uma vez que a deficiência pode ser superada por meio da significação cultural do outro. A obra reflete sobre o processo de funcionamento de sujeito com deficiência focalizando as necessidades e possibilidades de desenvolvimento e educação dos mesmos. Traz um enfoque crítico e qualitativo, buscando compreender a organização peculiar das funções e comportamentos de sujeitos com deficiência.

4. Resultado e Discussão

Vários questionamentos emergem sobre a presença das pessoas cegas na escola, sobre os seus caminhos perceptuais por não dispor da visão como sentido predominante, como: o acesso a objetos concretos (tato e senso cinestésico, olfato, e audição), aos objetos inacessíveis (comunicação falada ou por meio da leitura), e a imagem do corpo e consciência de si.

Questões essas que dizem respeito à experiência, à percepção e ao conhecimento do mundo, na ausência de um dos sentidos a visão. A ausência, a recuperação ou a perda desse sentido envolve um conjunto de processos complexos, pois dizem respeito a como a pessoa percebe e constrói seu próprio mundo. Assim, para saber como é o perceber de uma pessoa com deficiência visual requer que se entre em contato com seu viver, em diferentes momentos e situações que determinam as condições materiais da sua existência. Faz-se, pois, necessário acompanhá-la na totalidade de sua maneira de ser: como sente, como age, como se comunica e se expressa, como pensa, afirma Masini (2007).

Tais inquietações solicitam uma pedagogia concreta, que seja produzida no interior das relações sociais, com ações mais abrangentes e preocupada com a condição humana das crianças cegas. Uma pedagogia que não seja abstrata, mas que supere a pedagogia das

formas pelas formas, traduzindo-se concretamente por uma pedagogia dialética. Uma lógica que opera na materialidade de conteúdos concretos, que sejam captados em suas múltiplas relações; pois nós professores estamos lidando com indivíduos concretos, e enquanto indivíduo concreto, ele é uma síntese de inúmeras relações sociais.

É na dinâmica das relações sociais que educador/educando, constituem em sujeitos problematizadores do seu modo de estarem no mundo e de suas práticas sobre o mundo. É através dessa relação que conseguimos atuar de forma qualitativa na escola. Portanto, é na participação das práticas sociais do grupo cultural que o homem emerge sua natureza humanizada, que é tecida no drama do existir humano marcado" pelas relações sociais.

E ao depararmos com os alunos cegos em processo de formação e escolarização, deparamos com uma escalada cujo ápice é o seu desenvolvimento cultural. A qual nos motiva propiciar-lhes liberdade para que possa ascender como ser humano pleno de suas capacidades, de vir tornar-se humano. Discutir as práticas educativas e os processos pelos quais essas crianças estão imersas é importante para ampliar a compreensão da sua percepção e conhecimento, pois nas interações com os objetos de seu meio ambiente e com outras pessoas, a criança percebe, interpreta e atribui significado às informações que recebe. Ela se constitui como ser humano, ao adquirir cultura, valores e conhecimentos em um contexto histórico-cultural, (Cf. VIGOTSKI, 1997). Gradativamente nesse processo de construção de conhecimento se transforma e cresce.

5. Considerações Finais

As crianças cegas que frequentam os espaços de escolarização nos trazem uma importante contribuição para ampliar a compreensão sobre a percepção e a cognição, como fonte de conhecimento sobre o potencial humano. As práticas educativas e processos de interação da criança cega no mundo-vida escola solicitam a atenção para as experiências perceptivas. E quando trazemos o mundo concreto da educação escolar, trazemos também as experiências do perceber das crianças cegas, pois o perceber se complementa com o perceber de outros em um contexto histórico-cultural engendrado por uma pedagogia concreta.

Nesse pensar, cabe dizer que as origens do ser humano fundamenta-se na dinâmica natureza e cultura, na qual uma age sobre a outra, originando algo novo, uma natureza humanizada. E pensar nas práticas educativas no processo de percepção e constituição das crianças cegas no contexto cultural escolar permeado por características próprias, temos também a possibilidade de pensar numa pedagogia concreta, numa práxis docente, de ser e vir-a-ser com as crianças cegas, cujo horizonte é a formação humana e o viver uma vida mais digna nas relações mundo-vida.

Referências Bibliográficas

ANGEL, Pino. As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. O social e o cultural na obra de Vigotski. Revista Educação & Sociedade, n.71, ano XXI, julho/2000. Campinas: Cedes.

_____. Natureza e Cultura nos fundamentos da constituição humana.

HEGEL, G.W.F. Fenomenologia do Espírito. Petrópolis: Vozes, 2008.

MASINI, Elcie F. S. Experiências do Perceber. In: I Colóquio Ver e Não Ver. IFRJ/IP: Instituto Benjamin Constant. Rio de Janeiro, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. O visível e o invisível. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora dOliveira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

VIGOTSKY, L.S. Fundamentos de Defectologia. Obras Completas. Habana. Editorial Pueblo e Educacion, t.5, 1997.

_____. Manuscrito de 1929. Educação & Sociedade, Campinas: Cedes, ano XXI, n.71, p.21-44,2000.